



“Colonização” na América e “la visión de los perdedores”

Ana Clara Menezes de Andrade ¹ 

¹ Mestranda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

INTRODUÇÃO

O período caracterizado pela invasão do território americano ainda carrega muitas contradições e marcas de um colonialismo extremamente desumano. Esse texto propõe analisar o período da “conquista” do território americano sob domínio espanhol (boa parte da América Central, América do Norte e América do Sul) e os desdobramentos que a chegada dos europeus ocasionou para os povos que originalmente habitavam esse continente, bem como a forma como estes últimos interpretaram inicialmente os europeus à luz de suas crenças e signos. Como fonte de análise de dados foram utilizados textos que abordam o colonialismo espanhol, as formas de conquista religiosa e política, bem como as mudanças forçadas que os povos americanos foram submetidos durante o processo de exploração.

Muitas técnicas de dominação foram empregadas pelos espanhóis na tentativa de controle dos povos indígenas. O armamento, a religião e a destruição cultural eram mecanismos de enfraquecimento e desestabilização das populações ameríndias, tanto das regiões da América Central, Norte e Sul. Como será perceptível adiante, toda uma conjuntura econômica, política, religiosa e cultural foi afetada pela presença desses invasores que se apropriaram de brechas e desavenças entre alguns povos para alcançarem seu objetivo de exploração e desarticulação das comunidades. Mas, mesmo com estas tentativas, de desestabilização, também houve contra-ataques por parte dos indígenas. Esse artigo tratará desses aspectos, e revelará que o processo de “conquista” não foi tão fácil quanto alguns estudiosos fazem parecer.

Para sustentar a discussão, foram utilizados autores que se debruçaram sobre o processo de colonização espanhola na América, dentre eles Romano (2007) e Wachtel (2008), que foram os principais autores utilizados para fundamentação do texto. Buscou-se contribuir também com as produções já existentes sobre colonização espanhola, alimentando os debates em voga.

METODOLOGIA

A metodologia que está sendo aplicada nessa produção é de abordagem qualitativa, com base na pesquisa bibliográfica. Para isso, foi feito um levantamento de fontes que proporcionaram a ampliação dos estudos sobre a colonização espanhola e os desdobramentos da mesma para a dinâmica de vida das civilizações indígenas do que vem a ser o continente americano. Como instrumento para coleta de dados foram utilizados livros e artigos de revistas, anais e periódicos disponíveis online, que foram fundamentais para a escolha dos materiais mais adequados à fundamentação deste artigo, direcionando devidamente a produção.

Tomando como base a pesquisa bibliográfica, procurou-se analisar aspectos que fomentem a discussão sobre a invasão aos territórios ameríndios, os impactos causados na vida desses povos e os mecanismos utilizados pelos espanhóis no ataque, e pelos indígenas na resistência contra a imposição espanhola, dando foco para a forma como essas civilizações perceberam os acontecimentos ao seu redor.

AMÉRICA ESPANHOLA? NÃO. AMÉRICA INDÍGENA MULTIÉTNICA!

A América Espanhola, (denominação eurocentrada para os territórios americanos colonizados pela Coroa espanhola entre os séculos XVI e XIX), foi — e ainda é — palco de uma vasta diversidade étnica e cultural entre os povos indígenas. Muito antes da chegada dos europeus, esses territórios abrigavam centenas de sociedades indígenas distintas, com línguas, cosmologias, modos de organização social e práticas econômicas próprias. A visão homogênea que muitas vezes se tem dos povos originários é resultado da imposição colonial, que tentou apagar a complexidade dessas sociedades para facilitar o processo de dominação.

Entre os povos de maior complexidade sociopolítica estavam os astecas, maias e incas, cujas civilizações impressionaram os conquistadores europeus pela grandiosidade de suas cidades, como Tenochtitlán e Cuzco, e por seus sistemas avançados de agricultura, astronomia e engenharia. No entanto, além desses grandes impérios, existiam centenas de outros grupos, como os mapuches no sul do atual Chile, os tainos nas Antilhas e os muíscas na Colômbia e muitos outros que viviam de maneira autônoma e com distintas formas de organização social, variando entre sociedades nômades, seminômades e sedentárias.

A diversidade linguística era notável: estima-se que, à época da chegada dos espanhóis, fossem faladas mais de 1.500 línguas indígenas no continente americano. Essa riqueza linguística reflete a profundidade das diferenças culturais, cosmológicas e epistemológicas entre os povos. Muitas dessas línguas foram sufocadas pelas políticas de castelhanização promovidas durante e após o período colonial, mas algumas resistem até hoje, como o quéchua, o aimará, o náuatle e o guarani, que ainda são falados por milhões de pessoas.

É fundamental destacar que essa diversidade não se perdeu completamente com a colonização. Apesar do genocídio, da escravidão e da imposição de culturas e religiões europeias, muitos povos indígenas mantiveram suas tradições vivas, muitas vezes em segredo ou através de formas sincréticas. A resistência cultural indígena é uma força que ainda hoje se expressa em rituais, línguas, festividades, saberes tradicionais e lutas políticas por território e reconhecimento.

Assim, compreender a diversidade dos povos indígenas da América Espanhola é também reconhecer a multiplicidade de mundos que coexistiram — e ainda coexistem — dentro de um território marcado pela violência colonial, mas também pela resiliência dos povos originários.

PRESSÁGIOS QUE ANTECEDERAM A CHEGADA DOS ESPANHÓIS

É importante destacar que a chegada dos europeus foi precedida por acontecimentos que influenciaram a percepção dos povos americanos diante do que estava acontecendo. Existia um terror religioso, e os presságios indicavam o “fim do mundo” na interpretação dos povos nativos (WACHTEL, 2008). Na obra de Miguel León Portilla intitulada *Visión de Los Vencidos*, o autor apresenta relatos sobre os presságios que antecederam a invasão espanhola, dentre esses, um testemunho de um historiador mestiço, Muñoz Camargo:

Diez años antes que los españoles viniesen a esta tierra, hubo una señal que se tuvo por mala abusión, agüero y extraño prodigio, y fue que apareció una columna de fuego muy flamígera, muy encendida, de mucha claridad y resplandor, con unas centellas que centellaba en tanta espesura que parecía polvoreaba centellas, de tal manera, que la claridad que de ellas salía, hacia tan gran resplandor, que parecía la aurora de la mañana. La cual columna parecía estar clavada en el cielo, teniendo su principio desde el suelo de la tierra de do comenzaba de gran anchor, de suerte que desde el pie iba adelgazando, haciendo punta que llegaba a tocar el cielo en figura piramidal. La cual aparecía a la parte del medio día y de media noche para abajo hasta que amanecía, y era de día claro que con la fuerza del Sol y su resplandor y rayos era vencida. La cual señal duró un año, comenzando desde el principio del año que cuentan los naturales de doce casas, que verificada en nuestra cuenta castellana, acaeció el año de 1517 (PORTILLA, 2003, p. 24. Apud. CAMARGO, 1584).

O relato acima faz referência a História de Tlaxcala (1584) e aos presságios que davam indícios para o povo tlaxcalteca da chegada de algo inesperado, que iria transformar a realidade, eram a antecipação de acontecimentos desastrosos. Ao todo, foram oito presságios funestos:

De acuerdo con el testimonio de Alvarado Tezozómoc en su Crónica mexicana, perturbado Motecuhzoma por los varios presagios que se han descrito en los textos anteriores, hizo llamar a sabios y hechiceros con objeto de interrogarlos. Quería averiguar si había señales de próximas guerras, de desastres imprevistos, o de cualquier otra forma de desgracia (PORTILLA, 2003, p. 30).

Os diversos testemunhos e relatos apresentados na obra de Portilla (2003), demonstram um panorama de como os ameríndios percebiam os acontecimentos que os rodeavam, bem como os significados atribuídos aos mesmos. Por meio das crônicas e da retratação e interpretação dos cronistas, não se pode chegar a uma certeza ou conclusão totalmente verídica, mas não se pode negar que os testemunhos presentes nas crônicas colaboram para a compreensão, em certo sentido, do desenrolar dos acontecimentos vivenciados pelos povos ameríndios.

A “CHEGADA” DOS EUROPEUS

O momento em que os espanhóis chegam às terras americanas traz em si um enorme estranhamento por parte das sociedades ameríndias, causando choque pelas diferenças físicas, culturais, organizacionais etc. Os Astecas compreenderam a chegada do outro pelo viés mitológico, acreditando também que aqueles homens de tez branca eram enviados, “deuses” que estavam retornando para seu local de origem. A chegada dos espanhóis em 1519 coincidiu com uma antiga profecia sobre o retorno do deus Quetzalcóatl, um ser branco e barbado que, segundo os mitos, voltaria do leste.

Para Wachtel (2008), haviam alguns mitos que levaram os indígenas americanos a pensar que tratavam-se de deuses. As diferenças chamam a atenção nos relatos recebidos, como em um caso descrito para Montezuma por um de seus mensageiros:

Seus corpos são totalmente cobertos; somente seus rostos podem ser vistos e são brancos como giz. Têm cabelo amarelo, embora em alguns casos seja preto. As barbas são longas. Os bigodes também são amarelos... Estão montados em seus “veados”. Empoleirados dessa forma, andam ao nível dos tetos. [...] Se o tiro [de um canhão] atinge um morro, parece partí-lo ao meio, arreventá-lo, e se bate numa árvore, despedaça-a e esmaga-a, como que por um milagre, como se alguém a tivesse destruído soprando de dentro (WACHTEL, 2008, p. 197).

No relato apresentado, o que salta aos olhos e causa estranheza dos povos nativos são as diferenças físicas, mas não só isso, também o aparato bélico que os homens brancos possuíam, bem como a capacidade de destruição que essas armas tinham. Isso pode indicar que havia preocupação com o que a figura desse outro homem representava: uma forma de ser e viver desconhecida, que poderia oferecer riscos para sua civilização:

Disseram que tinham visto aparecer em sua terra criaturas muito diferentes de nós, tanto em seus costumes como nas roupas: pareciam-se com os Viracochas, o nome pelo qual nos referíamos, em tempos passados, ao Criador de todas as coisas. Viram-nos montados sobre grandes animais com patas de prata: isso por causa do brilho de suas ferraduras sob o sol.

Viracocha era o nome dado à divindade que, para os Incas, seria o criador originário, da terra, do universo como um todo, e também dos outros deuses. Logo, era adorado e tinha forte representação entre os Incas, ocupando no panteão lugar de destaque por dar origem a todas as coisas. Foi dessa forma que, dadas as circunstâncias e semelhanças atribuídas entre deuses dos povos nativos e os espanhóis, foi possível assimilar a chegada dos últimos aos primeiros, o que com o passar do tempo, não se sustentou, pois os ameríndios perceberam as reais intenções dos europeus em saquear as riquezas, aproveitando-se das circunstâncias. Segundo Wachtel (2008), as crenças dos nativos foram abaladas justamente pela percepção da brutalidade com que a busca incessante por recursos materiais conduzia os espanhóis.

AS FORMAS DE DOMÍNIO

Os espanhóis utilizaram de muitos métodos para atingir seus objetivos. Romano (2007) aponta primeiramente a necessidade de mostrar os mecanismos usados no processo de invasão ao território americano, bem como as consequências que as ações e presença dos europeus causaram para os povos indígenas. Ainda segundo o autor, o processo de “conquista” foi marcado por tensões, caracterizadas por muita violência e hipocrisia:

Simplesmente, e longe de qualquer julgamento moral, quer-se sublinhar que as formas, os métodos, as maneiras da conquista, mesmo que se queira (e, em certos casos extremos se pode) justificá-los em nome da moral corrente dos séculos XV e XVI, não continham em si nenhum germe de desenvolvimento positivo, pois destinados à mais completa involução, cujas consequências vencidos e vencedores teriam suportado juntos (ROMANO, 2007, p. 12).

Ao abordar a questão do armamento, o autor mostra que havia desproporção bélica, pois os brancos possuíam armas potentes e de longo alcance, o que tornava a luta entre os ameríndios e europeus desproporcional, já que as armas dos brancos eram mais letais:

Mais precisamente, é necessário mostrar que a superioridade do armamento dos brancos sobre o dos índios se evidencia em três pontos essenciais:

- a) pelas armas de fogo, uma grande superioridade de ordem psicológica e uma possibilidade maior de combate à distância;
- b) pelos meios de transporte (o cavalo), uma incomparável mobilidade;
- c) pelo emprego do aço, armas de ataque e de defesa infinitamente mais resistentes. (ROMANO, 2007, p. 13).

Os taínos, habitantes originais das Grandes Antilhas (atual Caribe), empregaram uma variedade de tecnologias de guerra adaptadas ao seu ambiente e cultura. Entre as principais armas utilizadas estavam as macanas, porretes de madeira reforçados com pedras ou ossos, eficazes em combates corpo a corpo. Além disso, utilizavam lanças com pontas de pedra ou madeira endurecida pelo fogo, arcos e flechas com pontas de pedra ou ossos, e clavas para ataques a curta distância. Essas armas eram complementadas por escudos feitos de madeira ou pele de animal, proporcionando proteção durante os confrontos. Em termos de vestimenta, os guerreiros usavam armaduras de algodão acolchoado, que ofereciam alguma proteção contra armas perfurantes. Essas tecnologias, embora eficazes em seu contexto, eram significativamente inferiores às armas de fogo e armaduras metálicas dos conquistadores espanhóis, o que contribuiu para a subjugação dos taínos após a chegada dos europeus.

Essas ferramentas conferiam aos europeus muitas vantagens frente aos povos ameríndios, mas não significa que os mesmos se deixaram vencer por essa superioridade bélica, haja vista que também tinham suas formas de defesa, que foram utilizadas para combater os brancos em conflitos. As sociedades ameríndias, em (especial as de organização mais complexas, como os Maias, Incas, Astecas e Muiscas), possuíam organização estrutural, política, militar etc. Porém, não tinham contato com os armamentos que eram próprios dos europeus e lhes conferiam as vantagens que colaboraram massivamente para a morte da população indígena americana.

AS TÉCNICAS UTILIZADAS EM COMBATE

Os espanhóis também costumavam usar animais como estratégia militar, os cavalos e cães foram utilizados como instrumentos na luta contra os nativos. Ao observarem a importância dos cavalos nas táticas usadas pelos espanhóis, os indígenas optavam por matar esses animais na tentativa de enfraquecer os europeus. Porém, haviam alguns predicados no uso de cães e cavalos, a utilização dos cães era limitada nas áreas sem proteção, e os cavalos não conseguiam ser ágeis em localidades íngremes.

Além desses empecilhos, as condições climáticas das regiões dificultaram o uso das armas de fogo, que enferrujavam ao entrarem em contato com a água. Os capacetes não podiam ser usados por conta da temperatura elevada, o mesmo ocorria com as couraças (armaduras de metal ou coroa), que eram usadas pelos soldados (ROMANO, 2007).

Os muiscas (habitantes do planalto cundiboyacense, atual Colômbia), contavam com uma classe guerreira denominada "guecha". Esses guerreiros eram conhecidos por sua destreza em combate e por utilizarem armamentos como cerbatanas, lanças, bastões e hondas. Para se protegerem, usavam escudos longos e vestiam mantos de algodão em múltiplas camadas, especialmente para se defender contra as flechas envenenadas dos inimigos, como os panche. Além disso, construíam fortificações nas regiões de fronteira, visando proteger seus territórios e comunidades.

As vantagens que os europeus tinham sobre os indígenas eram o escaupil e a alabarda. O primeiro era um tipo de túnica forrada com algodão. Algo curioso demonstrado pelo autor é o fato de tanto os espanhóis quanto os muiscas fazerem uso do escaupil para autodefesa, mas a vantagem dos brancos estava no fato dessa vestimenta ser eficaz contra as flechas. Em contrapartida não eram eficientes à potência que possuíam os tiros de alabarda (arma de haste longa, que tem uma ponta afiada), que eram mais letais. Por isso, essa arma foi tão significativa para os propósitos espanhóis.

Os indígenas também tinham ferramentas para luta. As flechas eram manuseadas contra os invasores espanhóis, não só elas como também as lanças, pedras e boleadoras, essas últimas efetivas para deter a velocidade dos cavalos. Como forma de tornar as flexadas ainda mais letais, algumas etnias, como os taínos (indígenas da região do Caribe) usavam veneno na ponta da lança (ROMANO, 2007).

É uma ilusão acreditar que o armamento espanhol, mesmo que potente fosse o suficiente para dizimar tantas populações ou reduzi-las drasticamente como ocorreu. Não foi somente esse fator que contribuiu para a “vitória” dos espanhóis. A superioridade bélica não dá conta de explicar tudo. Falácias como “coragem” e “proteção celestial” não devem ser validados como argumento (ROMANO, 2007).

Um dos fatores que contribuíram para a “dominação” era o rigor com que os impérios ameríndios (Inca, Maia e Asteca) eram comandados, muitos dos povos que faziam parte dessas civilizações não aceitavam essa forma de gestão e se aliaram aos espanhóis em busca de vingança contra a opressão. Ou seja, para eles, aceitar uma nova forma de dominação era o meio de substituir a antiga experiência (ROMANO, 2007). Nesse processo, pode-se citar a tomada da região do atual Peru (que fazia parte do Império Inca) por Pizarro (explorador espanhol) que contou com o apoio de Quilimasa, que era cacique.

É importante destacar um dos processos de assimilação das técnicas espanholas pelos mapuches, que estavam situados no território que atualmente é o Chile. Esse povo não possuía um poder centralizador, logo, era mais difícil para os espanhóis alcançarem seu domínio, visto que não havia hierarquia social. Como mecanismo de defesa, os mapuches utilizaram as táticas dos espanhóis para combatê-los, (como exemplo, o uso dos cavalos). Por sua vez, como forma de lutar contra os brancos, os mapuches atacaram o forte de Tucapel sob as ordens do vice-toqui Lautaro, dessa forma, conseguiram em 1598 libertar boa parte do território que lhes pertencia.

Alguns armamentos dos indígenas foram adaptados, dadas as circunstâncias desvantajosas em que se encontravam frente ao aparato espanhol. Segundo Wachtel (2008), os nativos aumentavam o comprimento das lanças usadas em combate, alguns dos equipamentos usados pelos brancos foram melhorados pelos nativos, para ação mais incisiva nos combates, como no caso das selas que eram utilizadas para montar à cavalo, os ameríndios as tornaram mais leves, o que melhorava a mobilidade dos guerreiros. Os nativos não tinham contato com cavalos, mas com a chegada dos brancos que os utilizavam, passaram a montar a cavalo também como ferramenta de defesa.

Para além das técnicas militares utilizadas pelos europeus, outro fator que acabou sendo crucial foram as epidemias disseminadas no território americano, que proliferaram doenças as quais os ameríndios não possuíam anticorpos:

A devastação epidemiológica trazida pelo Velho Mundo foi um mecanismo determinante para a efetivação da conquista, sendo responsável por uma queda relevante da população indígena, uma vez que estes grupos não possuíam imunidade suficiente para combater os vírus e bactérias que se proliferavam na Europa e se intensificavam nas viagens marítimas. As Américas ficaram isoladas do resto do mundo. A varíola, a malária, o sarampo e o tifo, entre outras, foram as principais doenças e epidemias que acometeram os indígenas. Albornoz explica que as relações sexuais entre as índias e brancos também resultou no contato com doenças sexualmente transmissíveis, sendo para o século XVI a mais comum, a sífilis (ROSA; DEVITTE; MACHADO, 2012, p. 7).

A chegada dos europeus acarretou diversos transtornos para as civilizações americanas. Além de interferir no contexto estrutural dessas sociedades, a presença dos brancos afetou a saúde dos ameríndios, visto que estes não tinham imunidade para as doenças que os europeus tinham contato. Com isso, os brancos levaram à morte boa parte da população, não só uma guerra bélica, mas também sanitária, deu margem para a vantagem dos europeus sobre os indígenas americanos.

RELIGIÃO E IMPOSIÇÃO

É possível relacionar as profecias obtidas anteriormente a chegada dos espanhóis com uma certa aceitação dos mesmos. Inicialmente a imagem desses como seres divinos se misturavam. Essa imagem pode até desfazer-se com o tempo, no entanto ao vencer personagens como Atahualpa, o qual batizou-se antes de morrer, induziu a outros membros importantes da política a adotarem o mesmo procedimento. No caso dos Incas, muitas vezes, esses membros importantes eram os chefes religiosos que serviam de exemplo para o resto da população. E no caso de muitos, batizaram-se mesmo que não condenados a morte, pois quem não é cristão, é inimigo de Deus, e para conquistar um povo, pra dominá-lo, basta destruir sua cultura, destruir sua religião e impor-lhes a sua (GOMES, 2014, p. 51).

A religião foi um aspecto importante na dominação espanhola, facilitando os interesses dos espanhóis. Além disso, a chegada dos europeus foi sucedida por profecias e sinais no México e no Peru. Com a chegada dos europeus, muitas das religiões originárias dos povos indígenas entraram em colapso, pois as figuras religiosas e políticas estavam intimamente ligadas na mesma autoridade, logo, a queda política ocasionada pela invasão e estratégias dos europeus também afetou a força religiosa. Esses fatores contribuíram para que o cristianismo fosse difundido entre as comunidades indígenas. A quantidade de pessoas batizadas aumentou, porém, isso não significa que o batismo em si nem o surgimento das igrejas na América, tenham conseguido tornar esses povos católicos praticantes. Muitos se batizavam ou frequentavam as cerimônias religiosas dos brancos como estratégia de sobrevivência, ou por serem forçados a tais atos.

As igrejas são erguidas nas Américas, muitas vezes em ruínas doutros templos, o triunfo zombeteiro sobre os outros deuses, e o evangelho pregado sobre a população, que mesmo ao batizarem-se, reage como um fracasso em acolher verdadeiramente a nova religião. Ajoelham-se, rezam, e confessam-se por obrigação. No entanto a antiga fé também padecem de suas preces. Enfraquecidos de fé, enfraquecem os ânimos (GOMES, 2014, p. 51).

É válido ressaltar a importância dos encomenderos para o projeto de cristianização dos indígenas, pois estes foram forçados a sustentar esse projeto espanhol de dominação, obrigando os outros indígenas a praticarem a religião católica. Com a queda do poder político e religioso, muitos povos ficaram sem fé, pois não tinham no que acreditar, o que os enfraqueceu espiritualmente, deixando-os desorientados e sem perspectiva (ALMEIDA; AMARAL, 2011).

Os ameríndios não foram evangelizados de imediato, por conta dos europeus duvidarem de que essas populações eram realmente seres humanos ou primitivos, comparando-os a primatas. A evangelização dos ameríndios não era meramente uma tentativa de levar a palavra de Deus para esses povos, mas sim uma forma complementar de dominação, de violência simbólica. Os Indígenas possuíam rituais religiosos, como o enterro dos entes falecidos em jarros, mas o cristianismo não seguia e condenava essa prática ancestral. Segundo Romano (2007):

Mas, a partir de agora, será preciso assinalar como esta evangelização em contradição com o objetivo confesso — converter os índios — se transforma, talvez até inconscientemente, em elemento complementar da espada. Juntas, elas constituirão as preliminares da conquista e da dominação: a desestruturação de todos os sistemas — político, moral, cultural, religioso — que regiam as massas indígenas da América (ROMANO, 2007, p. 19-20).

A cultura material e simbólica dos indígenas foi em boa parte destruída, seus templos sagrados foram derrubados. Mas esses povos conseguiram manter aspectos de suas culturas vivos por meio das línguas e da conservação de parte dos patrimônios culturais (ALMEIDA; AMARAL, 2011).

A cristianização em si já era problemática, pois significava a negação dos valores, da cultura e da fé de outros povos dos quais os cristãos consideravam subalternos. Muitas populações foram desumanizadas e expostas psicologicamente, pois tudo o que conheciam e compartilhavam foi destruído ou modificado drasticamente. Aspectos religiosos das antigas civilizações americanas se fundiram aos do cristianismo. Como exemplo:

Na atual Bolívia e no sul do Peru, a velha divindade pagã Pacha-mama (a Terra-mãe) ainda permanece viva, mesmo se a assimilam à Virgem; Apu-Illampu, o Senhor dos Relâmpagos, revive em Santiago; o Sol (Inti-huyanaCapac = Sol jovem chefe), no Cristo. No México, o culto da virgem de Guadalupe tem suas raízes no culto da deusa Tonantzin (Mãe dos deuses...) (ROMANO, 2007, p. 20-21).

Esse tipo de assimilação religiosa citada por Romano (2007) está relacionada às formas de preservar símbolos e deuses cultuados nas religiões desses povos, (algo que também ocorreu com os africanos no Brasil). Como não podiam praticar o culto às suas divindades abertamente, muitos o faziam por meio da vinculação ao Cristo, ou outras referências religiosas do catolicismo.

Os indígenas resistiram ao domínio espanhol também na esfera religiosa, e para isso, desenvolveram formas de manter seus cultos religiosos. Segundo Wachtel (2008), os Incas costumavam disfarçar os aspectos religiosos sob a ótica do cristianismo. Em um trecho, o autor aponta para um caso relatado:

No imenso território sob seu controle Manco continuou a manter as antigas tradições imperiais e na verdade restaurou um estado “neo-inca”. Em sua Relación, Titu Cusi atribuiu a seu pai um discurso que exprimia resistência a todo tipo de aculturação. Manco instava os índios a renunciar à falsa religião que os espanhóis estavam tentando impor-lhes; o deus cristão, dizia, era apenas um tecido pintado incapaz de falar, enquanto os huacas se podiam fazer ouvir, e o Sol e a Lua eram deuses cuja existência era visível a todos (WACHTEL, 2008, p. 228 – 229).

Manter o vínculo religioso no território pode ser entendido sob o viés da necessidade de coesão de determinada população, com isso, Manco Inca buscava manter as relações entre as tradições religiosas e o povo para a consolidação de um “estado forte”, que pudesse resistir às imposições dos brancos que viessem a enfraquecer a luta contra o colonialismo. Dessa forma, resgatar e/ou fortalecer os huacas (que faziam parte da cultura andina), era um mecanismo contra aculturações que afetassem o estado “neo-inca”.

OS NOVOS MODOS DE VIVER

Os modos de trabalho, de vida e de cultura foram modificados, formas de viver foram impostas. Os indígenas costumavam ter boa alimentação até meados do século XIX, viviam da agricultura para sua subsistência. Os ameríndios tiveram que se locomover para terras com clima diferentes aos quais estavam adaptados, o que interferiu no modo de alimentação, pois tiveram que adaptar técnicas de plantio. Sem por panos quentes ou creditar qualidade a Alonso de Zorita, Romano (2007) ao se referir ao “conquistador” pontua que:

Ele sabe melhor compreender a realidade e quase parece dizer que para uma melhor exploração dos índios, teria sido preciso não quebrar sua ordem: não transferir os habitantes das “terras quentes” para as “terras frias”, não os tirar de seu meio natural, de seu ritmo de trabalho e de seus critérios de alimentação (ROMANO, 2007, p. 21-22).

A organização do trabalho para os indígenas e europeus seguia dinâmicas diferentes, o interesse dos espanhóis era a exploração da mão-de-obra dos nativos, em favor da extração de matérias-primas e outros artefatos valiosos. Para atender as demandas impostas pelos brancos, os incas, por exemplo, tiveram que alterar as formas como exerciam o trabalho.

A exploração era intensa, a mita (atividade desenvolvida nas minas) e a encomienda (sistema de cobrança de tributos), eram muito utilizadas como forma de extorsão e organização pelos colonos.

A mita já existia antes do processo de colonização espanhola, e era utilizada pelos incas, seguindo um ritmo de obrigatoriedade rotativa: Todos os homens adultos (geralmente entre 15 e 50 anos) de uma comunidade (ayllu) eram obrigados a participar da mita por um determinado período. Depois desse tempo, voltavam para suas atividades normais e outro grupo assumia. Os mitayos desenvolviam atividades importantes para o império, pois estes eram responsáveis pela construção de templos, pontes, estradas, dentre outros. Quando os espanhóis invadiram e tomaram o Império Inca, eles mantiveram e adaptaram o sistema da mita, com mudanças muito negativas, tendo como finalidade explorar brutalmente os indígenas, principalmente nas minas de prata de Potosí (atualmente na Bolívia) (VACCA LEON, BONCIANNI, 2015). A mita colonial se tornou extremamente exaustiva e mortal, e muitos indígenas morreram por causa das péssimas condições de trabalho.

A presença dos europeus foi extremamente danosa, e caracterizava risco mortal para os ameríndios, tendo em vista que doenças também eram trazidas pelos europeus e não eram comuns para os povos indígenas. Em cerca de cinquenta anos, mais da metade da população foi morta, isso explica a redução drástica das comunidades no século XVI. O deslocamento dos nativos da costa para a região dos planaltos ocasionou a alta da mortalidade, mudanças de hábito, ritmo e higiene, que também eram desfavoráveis para esses povos (ROMANO, 2007).

As relações foram modificadas em todos os sentidos. No caso da configuração social, com a colonização o mundo passa a ser dividido racialmente, designando aquele que é inferiorizado e quem domina as relações de poder:

A diferença entre raças se dá provavelmente com as relações de domínio de conquistador e de dominado, que no caso da América é entre europeu e índios, mestiços e negros. Quijano explica uma trajetória em que antes não teria uma distinção exatamente de raça, mas que isso viria a partir da descoberta da América, em que por meio de traços e fenótipos seria traçada uma distinção dentre os dominados e os dominantes. A definição de raça seria a partir desse momento, instrumentos de classificação social básica da população (QUIJANO, 2000. Apud. GOMES, 2014, p. 57).

Essa forma de configuração implementada era muito diferente do modo como essas civilizações se organizavam antes da invasão, se constituindo enquanto grande modificação estrutural.

As dimensões culturais, religiosas, políticas e os hábitos dos povos ameríndios foram inferiorizados e negados por aqueles que se colocavam como centro do mundo (europeus). Estes se tornam então pólo irradiador de civilidade, elegendo, como aponta Gomes (2014), o continente americano como periferia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de colonização não foi, nem deve ser interpretado como algo simplista, mas sim complexo. A monarquia espanhola juntamente a igreja buscavam impor uma nova forma de organização no território americano. Embora no começo não houvesse um plano conciso de domínio, com o passar do tempo projetos começaram a ser elaborados com objetivo de copiar a estrutura organizacional europeia na América. Porém, esse objetivo se tornava inviável pela complexidade já existente nas civilizações ameríndias. O contato forçoso desencadeou novas formas de convivência e sobrevivência, o que afetou o comportamento dos indígenas e também dos espanhóis pelo choque entre as culturas e modos de vida. É nítido a partir das observações e dos referenciais apresentados neste texto que houve luta e resistência por parte dos povos originários da América, e que suas formas de vida foram drasticamente afetadas pelos interesses espanhóis de exploração e domínio territorial.

Os indígenas americanos foram afetados pela mudança da estrutura organizacional que estavam acostumados, foram impostos novos hábitos e nova religião, aos quais não estavam familiarizados. Todos esses processos desestruturaram psicologicamente esses povos, que mesmo com toda opressão dos brancos conseguiram manter um pouco de sua cultura viva, fruto de resistência. As estratégias militares montadas por alguns povos ameríndios também tiveram grande importância na luta por liberdade, logo, não se deve simplesmente reduzir os acontecimentos a vencedores e vencidos, mas sim elencar todos os fatores que desencadearam a suposta “vitória” dos europeus.

“Colonização” na América e “la visión de los perdedores”

Resumo: Pretende-se com este artigo evidenciar aspectos da invasão aos territórios indígenas da América no período de colonização espanhola, abordando questões políticas, religiosas, sociais e econômicas, que interferiram no funcionamento das civilizações ameríndias que habitavam a América espanhola. Será analisado também o viés mitológico com que os indígenas compreenderam a chegada dos brancos e outros fatores que contribuíram para a dominação europeia do território americano. Também serão abordadas as formas de resistência de diferentes etnias indígenas, as ferramentas usadas pelos mesmos e pelos espanhóis para atacar tais povos, bem como a assimilação dos indígenas de estratégias europeias e outras formas de resistência que esses povos encontraram para lutar em seu favor, na tentativa de reconstruírem suas dinâmicas organizacionais. Para elaboração deste trabalho, foram utilizados autores que promovem a discussão da temática numa abordagem contra-hegemônica, dando voz também à perspectiva dos povos que por séculos foram considerados os “vencidos” da história. Na coleta de dados, foram reunidos capítulos de livros e outros escritos disponibilizados em periódicos e revistas digitais sobre as civilizações indígenas e o colonialismo espanhol.

Palavras-chave: Conquista Colonial; Ameríndios; América Espanhola.

“Colonization” in America and “la visión de los perdedores”

Abstract: This article aims to highlight aspects of the invasion of indigenous territories in America during the Spanish colonization period, addressing political, religious, social and economic issues that interfered with the functioning of the Amerindian civilizations that inhabited Spanish America. It will also analyze the mythological bias with which the indigenous people understood the arrival of the whites and other factors that contributed to the European domination of the American territory. It will also address the forms of resistance of different indigenous ethnic groups, the tools used by them and by the Spanish to attack these peoples, as well as the assimilation of European strategies by the indigenous peoples and other forms of resistance that these peoples found to fight in their favor, in an attempt to rebuild their organizational dynamics. To prepare this work, authors were used who promote the discussion of the theme from a counter-hegemonic approach, also giving voice to the perspective of the peoples who for centuries were considered the “defeated” of history. In the data collection, chapters of books and other writings available in digital periodicals and magazines about indigenous civilizations and Spanish colonialism were gathered.

Palavras-chave: Colonial conquest, Amerindians, Spanish America.

Recebido em: 04 de agosto de 2024
Aprovado em: 18 de maio de 2025
